



Pensando Áfricas e suas diásporas

www.periodicos.ufop.br/pp/index.php/pensandoafricanas

NEABI – UFOP - Mariana/MG

Vol. 01 N. 01 – jan/jun 2015

Anais do III Seminário Pensando Áfricas e suas diásporas - parte 1

Gênero e raça no humor brasileiro: o que personagens como a Adelaide nos falam sobre a construção da identidade negra no Brasil

Eliana Sambo Machado

Resumo: Este trabalho é fruto da pesquisa de iniciação científica realizada durante o período da graduação em Letras da autora, no Instituto de Ciências Humanas, Sociais e Aplicadas, da UFOP. Deste modo, o presente artigo tem por objetivo analisar os discursos presentes no quadro da personagem Adelaide, exibido pelo programa televisivo Zorra Total, em 2012. A ideia é realizar uma análise dos termos linguísticos enquanto performativos, ou seja, enquanto atos de fala (AUSTIN, 1970) que agem construindo lugares sociais da mulher negra na sociedade brasileira.

Palavras-Chave: Adelaide; Zorra Total; Atos de fala; Mulher negra.

Abstract: The work of the Director of Human Rights, the Institute of Human Sciences, Applied Society, UFOP. The article presents the aim of the article to analyze the present speeches without picture of the Adelaide character, shown by the television program Zorra Total, in 2012. The idea is to carry out an analysis of the linguistic terms as performatives, that is, as acts of speech (AUSTIN, 1970) that act by building social places of black women in Brazilian society.

Keyword: Adelaide; Zorra Total; Speech acts; Black woman.

Introdução

Este artigo apresenta uma parte do projeto de pesquisa intitulado *Humor, Identidade Negra e Estereótipo: Análise de personagens e piadas sobre negros em programas humorísticos*. A pesquisa está inserida no Programa de Mestrado em Estudos da Linguagem do Departamento de Letras, DELET, do Instituto de Ciências Humanas e Sociais, ICHS, da Universidade Federal de Ouro Preto, UFOP, sob orientação e coautoria da Prof^a Dra. Cassandra da Silva Muniz. O principal objetivo do projeto é examinar se o discurso de

[14/26]

Gênero e raça no humor brasileiro: o que personagens como a Adelaide nos falam sobre a construção da identidade negra no Brasil • MACHADO, Eliana Sambo.

personagens presentes em programas humorísticos ratifica ou questiona os estereótipos racistas sobre a população negra brasileira, presentes no imaginário coletivo da sociedade.

Ao nos dedicarmos à análise do discurso humorístico da personagem Adelaide do programa Zorra Total, esperamos contribuir com os estudos da Análise Crítica do Discurso, cooperando para o entendimento da construção da identidade da mulher negra brasileira. Além desses estudos, nos apoiamos em pesquisas sobre gênero e raça que defendem esses temas sob uma perspectiva política e social, ou seja, num contexto democrático, o que nos possibilita investigar a identidade da população negra atendo-nos para seus reais impactos sociais, já que se trata de sujeitos representados a partir de visões estereotipadas do Outro. Essas visões, como serão examinadas durante as análises do *corpus*, transmitem concepções heteronormativas a respeito do negro, contribuindo para a cristalização de imagens pejorativas que essencializam suas identidades.

Partimos do pressuposto de que as representações coletivas da população negra brasileira, reproduzidas pelo discurso humorístico da mídia televisiva, podem ratificar o preconceito e a discriminação dessa parcela da população brasileira.

Nossa fundamentação teórica se baseia na Análise Crítica do Discurso, em diálogo com a Pragmática. Além dessas áreas, nos apoiamos nos Estudos Culturais e nos trabalhos que discutem sobre o fenômeno do humor e os seus efeitos sociais e culturais. Trata-se de assuntos relacionados ao social e que, portanto, ampliam nosso olhar para o objeto de estudo, uma vez que as teses defendidas nesta pesquisa estão interligadas exigindo uma análise que seja interdisciplinar.

1. Fundamentação teórica

Percorreremos alguns estudos voltados para a Identidade e sua relação intrínseca com a linguagem, além das questões relacionadas ao discurso e sua interface com a pragmática. Para uma investigação crítica da identidade da mulher negra, nos debruçaremos em categorias de gênero e raça refletindo sobre tais conceitos a partir de discussões que os entendem como efeito de práticas discursivas e sociais.

Com o intuito de compreender as consequências advindas da discriminação racial e de gênero, no Brasil, partiremos de discussões relacionadas à constituição do sujeito negro, em particular da mulher negra, no que diz respeito aos seus valores éticos- morais. Para tal

investida, iremos nos ater apenas ao discurso humorístico da personagem Adelaide, interpretada pelo ator Rodrigo Sant'Anna do programa televisivo Zorra Total e nas dimensões discursivas desse objeto de análise.

1.1 Discurso e identidades performativas

As discussões que pretendemos suscitar neste trabalho vão contra o sujeito cartesiano, “constituído de forma única” ou postulado e classificado a partir de categorias unas pré-estabelecidas socialmente. Para nós, a constituição do sujeito é performativa, ou seja, defendemos, ao contrário das concepções tradicionais sobre a identidade, as quais acreditam na essência do sujeito, universal e ideal-, a identidade do ponto de vista dos atos de fala¹. Trata-se de “identidades performativas”, pois, “são efeitos de atos que impulsionam marcações em quadros de comportamentos” sociais, ou seja, cada ato de fala (uma promessa, um juramento, um batismo, etc) opera com as identidades transformando-as em cada uma dessas ações. (PINTO, 2009, p.17). Portanto, não podemos falar em identidades estáveis e coesas que saturam o indivíduo de modo a inseri-lo em sistemas de poderes dominantes e específicos de grupos hegemônicos.

Ao pensarmos as categorias de gênero e de raça, argumentamos nessa direção pensando em tais categorias não como constativas, mas performativas no sentido de fazer-se mulher ou homem. Segundo Butler (2003),

[...] a mulher é um termo em processo, um devir, um construir de que não se pode dizer com acerto que tenha uma origem ou um fim. Como prática discursiva contínua, o termo está aberto a intervenções e re-significações. (BUTLER, 2003, p. 59)

Tal afirmação nos faz pensar sobre a concepção de gênero que adotamos para esta pesquisa. Baseados nas discussões da filósofa estadunidense, enfatizamos seu argumento em torno dos temas sexo, gênero e desejo. Para Butler (2003), o gênero supõe relações internas que não são coerentes e casuais, ou seja, a identidade de gênero é performativamente constituída à medida que a identidade é um efeito das práticas discursivas. Isso implica que as

¹ Conceito abordado por Austin nas doze conferências proferidas em Oxford e publicadas sob o título *How to Do Things With Words*. Segundo a leitura de Rajagopalan (2010) sobre tal teoria, “todo dizer é, afinal de contas um fazer, e enquanto tal precisa ser abordado com conceitos e categorias próprios para análise de feitos e não de ditos. Por exemplo, um dito pode ser julgado verdadeiro ou falso, enquanto um feito só pode ser julgado feliz ou infeliz, nunca em termos de verdade ou falsidade”. (RAJAGOPALAN, 2010, p. 14).

identidades não podem ser entendidas como efeito de práticas reguladoras que constituem as identidades a partir de categorias binárias como e heteronormativas, como homem e mulher.

Pinto (2009) ao tratar do conceito de performatividade, discute também sobre a identidade e sua intersecção com o corpo entendido enquanto “materialidade do ser”. A autora aborda essa temática a partir, portanto, da ideia de atos de fala presente em Austin e das releituras deste conceito realizadas por pesquisadores como, por exemplo, Derrida, Lacan, Felman, Rajagopalan e Butler.

Embora esse assunto mereça maior atenção de nossa parte, não os aprofundaremos aqui, pois, são temas suficientes para serem desenvolvidos em outro trabalho. No entanto, suscitamos essa discussão para enfatizarmos algumas discussões da autora Pinto (2009) como, por exemplo, quando argumenta que falar também é um ato corporal, reiterando a linguagem no lugar da performatividade, em que o corpo torna-se o lugar dos atos de fala e do próprio sujeito. Esse espaço marca o momento de ação entre linguagem e corpo como um lugar impossível de se obter o total controle dos acontecimentos, pois, o “ato de fala é, como um rito, um acontecimento, na medida em que sua força é iterável, e sua repetição instaura sempre uma diferença”. (PINTO, 2009, p. 125).

A escolha teórica se dá, principalmente, pelo caráter do nosso objeto de análise, pois, este nos permite realizar uma leitura abrangente e interdisciplinar, já que nosso *corpus* e os temas que os perpassam, exigem um olhar amplo que abarque o social e o cultural. A partir, portanto, das ideias de atos de fala de Austin e da complexa possibilidade de aproximação entre identidade, linguagem e corpo, pontuaremos, durante as análises, lugares específicos da personagem Adelaide impostos pela alteridade. Nesse sentido, procuramos teorias que nos permitem agir a partir da articulação do corpo com o performativo, possibilitando-nos operar com o poder e não, apenas constatarmos a presença desse fenômeno. Assim,

[...] a leitura da oposição corpo- mente e suas variáveis patriarcais (mulher- homem; natureza- cultura; emoção- razão). O corpo vai encontrar nesse gesto um lugar não mais complementar ou subalterno, mas o lugar a ser deslocado para se compreender o funcionamento do sistema hierárquico. (PINTO, p. 126)

Apoiamos-nos na ideia de língua, enunciado e discurso defendidas pelos autores como Bakhtin (2006) e Fairclough (2001) que entendem esses fenômenos como dialógicos e historicamente definidos. Essa perspectiva abrange também nosso entendimento sobre sujeito, identidade, raça e gênero, já que essas noções, para nós, não são entendidas como elementos

[17/26]

passíveis de definições estancas que reduzem esses objetos a definições homogêneas e binárias.

Para esclarecer a noção de performatividade, nos apoamos também na releitura de Ottoni sobre tal conceito. Segundo este autor, Austin se desinteressa por uma linguagem ideal, pura ou homogênea e, para isso, estabelece seu conceito de performativo para explicar a fusão entre sujeito e seu objeto, a saber, a fala. Com isso, Austin refuta alguns estudos formais a respeito da língua que separa o sujeito do seu objeto com o intuito de deixar de lado a linguagem ordinária. A respeito disso, ele argumenta que a “linguagem não é puramente descritiva (há circunstâncias nas quais não descrevemos a ação, mas a praticamos)”. (OTTONI, 1998).

A noção performativa da língua permite uma interpretação dos enunciados que leve em consideração suas múltiplas possibilidades de entendimento, já que um determinado texto não pode ser algo que passe apenas pelo crivo do constativo, passível de classificação enquanto verdadeiro ou falso. Trata-se de entender que é possível distinguir as palavras entre sentido e significado, pois, podemos afirmar coisas sobre o mundo que não se limitem apenas ao uso linguístico de determinadas escolhas lexicais. Assim, o sentido transcende o termo linguístico e, por isso, não podemos entender os sujeitos apenas com base naquilo que eles dizem, mas sim, com base nas suas ações, na realização de suas falas, ou seja, na sua performatividade. (OTTONI, 1998, p 126).

1.1.1 O discurso humorístico e os efeitos sociais do riso

Antes de iniciarmos uma discussão sobre os temas desta parte, ressaltamos a importância de se trabalhar com o humor, pois, trata-se de um elemento essencial para entendermos os comportamentos sociais de um povo, já que o humor está presente em todas as nossas ações cotidianas e, portanto, é um fenômeno social.

Partimos da tese defendida por Bergson (1987) de que “não há comicidade fora do que é humano”, ou seja, o humor, ao contrário do que muitos pensam, não deve ser reduzido a visões limitadas que dizem ser esse campo do conhecimento, parte de produções consideradas “não- sérias”. Ou seja, o humor faz parte da nossa cultura e dos nossos costumes e, portanto, é fonte fundamental para entendermos os valores e os problemas presentes na nossa sociedade.

Nesse contexto, ressaltamos que os estudos sobre a história cultural do humor se iniciam desde a Antiguidade Clássica, com Aristóteles, o qual nos revela que o riso expressa certas emoções, ou seja:

Quando rimos, estamos frequentemente nos gabando ou glorificando diante de outra pessoa, por termos constatado que, comparada conosco, ela sofre de alguma fraqueza ou defeito desprezível, [uma vez que], a maneira mais ambiciosa de se gabar é falar zombando. (BERGSON, 1987, p. 522)

A partir do pensamento de Aristóteles, identificamos a presença e a importância de se estudar o riso e seus efeitos sociais, pois, desde a época referida, filósofos já notavam a presença desse fenômeno na sociedade, demonstrando a necessidade de estudar o riso. Isso, porque o riso pode funcionar, a depender da cultura e dos costumes de cada grupo, como ferramenta para comunicação; como forma de liberação de tensões provocadas por determinadas situações; como liberação de tensões e transgressões de determinadas regras institucionais ou ainda, para debochamos do outro. Enfim, isso comprova e ratifica que o humor está atrelado a nossa organização social e cultural e, essa relação é frutífera e pode servir para explicar diversos comportamentos humanos e, portanto, a importância de estudarmos esse fenômeno.

O enfoque das análises partirá dos estudos do humor e sua história cultural. Tais perspectivas nos ajudarão a entender como o humor, presente na personagem Adelaide, se apresenta e, ainda, quais são os efeitos sociais desse humor para a representação da mulher negra. A partir dessa problemática, podemos interpretar o discurso humorístico da personagem Adelaide, como um discurso produzido para provocar o humor a partir da zombaria. Em outras palavras, rimos com a finalidade de castigar e penalizar alguém que para a sociedade, parece estar fora dos moldes e das regras sociais e, com isso, a identidade da pessoa é enquadrada, fixada, estereotipada em relação ao alter; o riso tem a intenção de corrigir e adequar o sujeito às regras pré-estabelecidas de um determinado grupo.

Nesse sentido, é possível entendermos sobre a construção da alteridade no cômico, pois, se trata de comparar o outro comigo ressaltando sua inferioridade em relação ao eu. Para ratificar o que estamos dizendo, eis o que argumenta Bergson em sua teoria sobre o riso:

O riso é, antes de tudo, uma correção. Feito para humilhar ele deve dar à pessoa que o motivou uma impressão penosa. A sociedade se vinga, por meio dele, das liberdades que tomam com ela. Ele não atingiria sua finalidade se tivesse a marca da simpatia e da bondade. (BERGSON, 1987, p. 524)

O riso se manifesta, portanto, como punição pelo erro cometido pelo outro, quando, por exemplo, esse outro, cai, tropeça, é desdentado ou sem inteligência. Nesse sentido, rimos do sujeito no momento em que o vemos quebrando as regras do sistema, pois, ele transgredir com os padrões excludentes que existem na nossa sociedade, os quais visam formas de dominação e controle sobre os sujeitos por meio do poder.

2 Análise dos dados

2.1 Estereótipo: gênero e raça nas piadas

Os vídeos que utilizamos representam parte do quadro da Adelaide, personagem do programa humorístico *Zorra Total*, exibido na rede Globo TV, no ano de 2012. O contexto dos vídeos é sempre o mesmo no que diz respeito ao local das cenas, ou seja, trata-se de um metrô com passageiros de diferentes tipos e classes sociais que, em sua maioria, correspondem à massa trabalhadora brasileira. Adelaide representa uma mulher negra de classe pobre e pedinte, pois, seu papel, se resume em pedir às pessoas, dinheiro, justificando tal pedido de diferentes maneiras como, por exemplo, quando a personagem pede dinheiro alegando que perdeu todos os seus bens econômicos, devido a uma catástrofe natural.

A personagem principal desse quadro é a Adelaide, no entanto, em outros quadros, notamos a presença de personagens secundárias que surgem para compor a cena junto à Adelaide. Esses coadjuvantes representam, de modo geral, os interlocutores da Adelaide e estão ali para zombar da situação psicossocial dessa personagem. Mais a frente, mostraremos a análise de algumas dessas situações específicas.

Ao nos dedicarmos sobre os efeitos discriminatórios da raça e do gênero discutidos por autores (as) como, por exemplo, (STOLKE, 1999; ARAÚJO, 2008; FIGUEIREDO, 2008), é imprescindível comentar sobre consequências graves relativas ao assunto, mesmo sem nos restringirmos, à priori, a análises mais precisas do *corpus* em questão. Assim partiremos da reflexão e exame relativos à construção da imagem da população negra brasileira, a saber, a “construção de estereótipos negativos contra os negros” como “a rejeição aos fenótipos dessa população, particularmente, ao cabelo crespo”.

Estudos das ciências sociais revelam discursos dos profissionais acerca da manipulação do cabelo crespo, realizadas pela pesquisadora Figueiredo (2008), os quais

mostram que “dentre os fenótipos negros”, o cabelo é o que as mulheres mais gostariam que fosse modificado. Tal discurso revela, além da questão da praticidade, a concepção de beleza dessas mulheres, construídas socialmente e facilmente associadas ao discurso de beleza pautado, sobretudo, nos valores ocidentais de estética os quais predominam até hoje na sociedade. As marcas raciais da população negra estão explícitas na personagem Adelaide, pois, seu cabelo é apresentado de forma ridicularizada e ainda é comparado a um objeto, a saber, à palha de aço. Além das marcas físicas que servem como classificadores, dentro da hierarquia de valores, a classe social também influencia na posição social, ideológica, psicológica e histórica do sujeito.

Para ratificar o que estamos discutindo, é suficiente prestar nossa atenção para o contexto dos vídeos² da personagem Adelaide, no que se refere a sua imagem. Tal imagem compõe a representação da mulher negra brasileira de classe baixa que vive como pedinte dentro do metrô, ratificando, pois, a ocupação do lugar desprivilegiado do sujeito que depende do dinheiro alheio para sobreviver.

Além disso, os vídeos apresentam uma leitura medíocre da imagem da mulher negra. Isso, porque a personagem Adelaide é considerada feia e exhibe traços físicos exageradamente marcados, como os lábios e o nariz, cujas marcas são representadas a partir do estereótipo racista de que a população negra é pobre, feia e apresenta características biológicas e sociais inferiores em relação à população branca.

O corpo da mulher negra, representado na personagem Adelaide, é um corpo desvalorizado. Tal desvalorização está comumente presente no imaginário social que circula na nossa sociedade. Esse imaginário produz imagens ou representações coletivas que rebaixam o negro no que diz respeito aos aspectos morais e físicos desse sujeito contribuindo, negativamente, com a politização negativa do corpo e da imagem da mulher negra, reduzindo a possibilidade de valorização da sua autoestima.

Podemos dizer também que a personagem Adelaide reproduz uma imagem normatizada e estereotipada de seu comportamento determinado pelas regras sociais que inscrevem o lugar da mulher negra na sociedade. Isto é, no lugar de mulher desqualificada, rebaixada à pobreza; uma mulher que busca sua sobrevivência por meio da caridade alheia.

Ao nos propormos a analisar a construção da identidade da personagem selecionada, pretendemos interrogar a identidade do sujeito negro situado no lugar à parte, cuja identidade,

“representação social e psíquica”, como nos diz Fanon (2003), é “perturbada” pelo “discurso da soberania social”.

²Vídeo 1: <https://www.youtube.com/watch?v=iNIBHTr03c8#> > Acesso em: 16 nov. 2012, 22h27.

Vídeo 2: <https://www.youtube.com/watch?v=CmIRAAkOR6o> > Acesso em: 16 nov. 2012, 22h40.

Vídeo 3: <https://www.youtube.com/watch?v=79-EO50jQ2o> > Acesso em: 16 de Nov. 2012, 22h45.

Vídeo 4: <https://www.youtube.com/watch?v=uxcWZlOb8ZA> > Acesso em: 16 de Nov. 2012, 23h05.

Segundo os estudos de Guimarães (2002), para o negro ascender na escala social significa se projetar em uma “identidade calcada em emblemas brancos, na tentativa de ultrapassar os obstáculos advindos do fato de ter nascido negro” (GUIMARÃES, 2002, p. 87). Além disso, a personagem Adelaide revela um discurso que vai contra a luta histórica, social, política e racial do negro e da cultura negra contemporânea, principalmente no que diz respeito à posse de bens econômicos.

Para exemplificar esse argumento, apresentamos o contexto do vídeo 1, cujo episódio retrata a presença da personagem Adelaide que entra em cena carregando uma caixa cujo interior há um *tablet*. A Adelaide dialoga, nessa mesma cena, com outra personagem destacada, a saber, uma mulher branca de classe média, a qual demonstra estar incomodada com a presença da Adelaide e debocha dela, quando a Adelaide retira do interior da sua caixa, o *tablet*, objeto eletrônico considerado de valor na sociedade atual².

Notamos que a possibilidade de posse do *tablet*, pela personagem em discussão, aparece como estratégia discursiva com o intuito de inferiorizá-la, pois, a mulher com quem a Adelaide dialoga, demonstra surpresa ao ver o *tablet* da Adelaide. Essa reação deixa clara a imagem do senso comum a respeito da população negra ao associar à raça, à classe social. Em outras palavras, associar o fenótipo negro à classe pobre, negando ao negro, à ascensão social, debochando da posição social desse sujeito. Tal argumento é ratificado por estudos que dizem que “desde os 1950 [...] no imaginário, na ideologia e no discurso brasileiro, há uma equivalência entre preto e pobre, por um lado, e branco e rico, por outro.” (GUIMARÃES, 2002, p. 64).

A representação da mulher negra, a partir do vídeo em questão, vai contra a existência de características que não se limitem, apenas, ao biológico, como, por exemplo, a cor da pele e a textura do cabelo. A identidade, no presente trabalho, é entendida, sobretudo, como

² A aquisição do aparelho é possível, na maioria das vezes, às classes mais favorecidas, devido ao seu ainda alto valor econômico.

processo, já que acreditamos no sujeito como “produto de um entrelaçamento de várias identidades que se reinventam por meio de saberes e relações de poder” (MILANEZ, 2009, p. 291), o que comprova que nós estamos sempre buscando completar nosso corpo, nossas atitudes e gestos, a fim de preencher algo que nos falta.

2.1.1 Léxico, subjetividade e raça em Adelaide

É possível identificar também, pistas presentes na fala da Adelaide, as quais revelam crenças, valores, atitudes e ideologias sobre o mundo social. Alguns desses conhecimentos já foram apontados aqui, entretanto, é necessário investigarmos o texto como material empírico e suas pistas lexicais para identificarmos as práticas sociais ligadas a esse discurso. Isso, porque partilhamos da ideia presente na perspectiva teórica da ACD de que a relação entre linguagem e sociedade é dialética e, tal relação, deve ser analisada tendo em vista seus “efeitos ideológicos”.

Dada à situação de representação da mulher negra nos vídeos analisados, observamos, no vídeo 3³ um dado momento em que a Adelaide narra o que aconteceu com ela e com a família dela durante uma enchente. A Adelaide conta que ao “agarrar” sua filha pelo cabelo pensou estar pegando numa “palha de aço”.

O uso de itens lexicais como “palha de aço” ao invés do uso do termo “cabelo” para se referir ao cabelo da filha da personagem, remete às representações estereotipadas do cabelo negro reduzindo a identidade negra, sobretudo o aspecto físico, a um objeto, negando a essa identidade uma posição elevada que valorize suas características físicas.

Além disso, notamos que a posição social da personagem é explicitamente marcada na fala da personagem no que diz respeito à pronúncia de palavras como, por exemplo, “centarro” ao invés de “centavos”. Tal marcação linguística assinala uma fala exageradamente humilde de pessoas de pouca escolarização como se, ao negro, sempre fosse destinado o lugar da fala desprivilegiada em relação às classes mais favorecidas, as quais vêem esse modo de falar como vulgar, baixo, inferior e próprio das camadas mais baixas da sociedade.

³ Vídeo 3: <https://www.youtube.com/watch?v=79-EO50jQ2o>> Acesso em: 16 de Nov. 2012, 22h45

A escolha dos itens lexicais da fala de Adelaide se associa à condição permanente da personagem como pobre e pedinte, desvalorizando o lugar da mulher negra, sua linguagem, sua cultura, seu corpo, etc. É visível, portanto, a presença no discurso da personagem, de discursos particulares e específicos ligados a interesses determinados pela parcela da população que detém o poder na sociedade e que constrói, com base em seus critérios de classificação, os sentidos, valores e crenças hegemônicos.

2.1.2 A imagem social da mulher negra a partir do discurso humorístico da mídia televisiva

O valor social, presente nos vídeos analisados, no que diz respeito ao corpo da mulher negra, mostram como esse corpo é controlado ao estar condicionado, socialmente, a outros valores predominantes na sociedade. Esse corpo é desvalorizado ao ser comparado aos padrões de beleza brancos que normatizam os corpos e os comportamentos sociais. Nesse contexto, observamos no vídeo 1, em um dado momento, quando a personagem com quem a Adelaide dialoga se incomoda em relação ao suposto mal cheiro da boca de Adelaide, já que esta têm os dentes aparentemente mau cuidados. Nessa mesma cena, notamos também a incoerência da personagem Adelaide, a partir da fala da outra personagem citada que se surpreende com a condição de pedinte da Adelaide, a qual, apesar de possuir um *tablet*, não consegue dinheiro, por exemplo, para um tratamento odontológico, ratificando discursos históricos hierárquicos sobre os aspectos valorativos, físicos e morais da população negra.

No contexto da mídia, em especial do programa analisado, há a invisibilidade do negro representado de forma positiva. De fato, o que vemos nas representações da mídia em geral são padrões de estética brancos. Em contrapartida, o negro é feio e é retratado como imperfeito. Essa visão tradicional revela as “dificuldades da televisão em incorporar a presença da população afro-brasileira na construção de uma identidade nacional multiétnica”. (ARAÚJO, 2000, p.85), ratificando uma ideia homogênea de sujeito e sustentando a crença no sujeito uno e submisso às ideologias dominantes.

Considerações Finais

As análises apresentadas corroboram a ideia de que a mídia é desprovida de

“intencionalidade política”, uma vez que ainda mantém o poder de circulação de discursos hegemônicos que silenciam a voz do negro, impedindo sua ascensão ao mundo das mercadorias, da cultura, da tecnologia, etc.

Por fim, é preciso salientar que todas as afirmações feitas aqui, basearam-se no nosso *corpus* e no nosso olhar para esse objeto de pesquisa junto às teorias escolhidas para abordar o tema proposto. Evidente que este breve artigo não esgota todos os questionamentos e análises que podemos fazer sobre o assunto em questão, mas, apesar disso, buscamos, principalmente, olhar além do limite do objeto analisado para provocar discussões que abarquem o âmbito social, identitário, cultural, entre outros aspectos que fazem parte do contexto de manifestação e produção do discurso. É possível, pois, notar que nossa pesquisa procurou ampliar nosso olhar para além de “classificações estanques” ou dicotômicas e limitadas por categorias opostas às quais reduzem as análises ao invés de possibilitar um exame abrangente.

Referências Bibliográficas

ARAÚJO, Joel Zito. “Identidade e Estereótipos sobre o negro na TV brasileira”. In: GUIMARÃES, A. S. HUNTLEY, L. (orgs). *Tirando a Máscara Ensaio sobre o racismo no Brasil*. São Paulo: Editora Paz e Terra, 2000.

BAKHTIN, M. “A Interação Verbal”. In: *Marxismo e Filosofia da Linguagem*. Ed. 12ª: São Paulo, editora Hucitec, 2006.

BREMMER, J., ROODENBURG, H. (2000). *Uma história cultural do humor*. Rio de Janeiro- São Paulo: Record.

BERGSON, H. (1987). *O riso*. Rio de Janeiro: Guanabara.

FAIRCLOUGH, Norman. *Discurso e Identidade social*. Brasília. Editora UNB, 2001. 316p.

FANON, Frantz. Interrogando a Identidade Frantz Fanon e a Prerrogativa Pós- colonial In: BHABHA, Homi. *O Local da Cultura*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.

GUIMARÃES, A. S. A. “Rediscutindo o conceito de raça; As causas da pobreza negra no Brasil: algumas reflexões”. In: *Classes, Raça e Democracia*. São Paulo: Editora 34, 2002.

MILANEZ, Nilton. “A Possessão da Subjetividade Sujeito, Corpo e Imagem” In: SANTOS, J. B Cabral. *Sujeito e Subjetividade: Discursividades Contemporâneas*. Uberlândia: Editora da Universidade Federal de Uberlândia, 2009.

PINTO, Joana Plaza. *Conexões teóricas entre performatividade, corpo e identidades*. D.E.L.T.A., vol. 23, nº 1, São Paulo, 2007, pp.1 -26.

[25/26]

Gênero e raça no humor brasileiro: o que personagens como a Adelaide nos falam sobre a construção da identidade negra no Brasil • MACHADO, Eliana Sambo.

PINTO, Joana Plaza. “O corpo de uma teoria: marcos contemporâneos sobre os atos de fala”. *Cadernos Pagu* (33), julho- dezembro de 2009: 117-138.

SANSONE, Livio. PINHO, Araújo (orgs). “Gênero Dialogando com os estudos de gênero e raça no Brasil”. In. *Raça novas perspectivas antropológicas*. 2 ed. Ver. Salvador: Associação Brasileira de Antropologia: EDUFBA, 2008.

STOLKE, Verena. “O enigma das interseções: classe, “raça”, sexo, sexualidade. A formação dos impérios transatlânticos do século XVI ao XIX”. In: *Estudos Feministas*/ Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, v. 7, n.1-2, p. 15-41, 1999.

ANEXOS

Vídeo 1: <https://www.youtube.com/watch?v=iNIBHTr03c8#> > Acesso em: 16 nov. 2012, 22h27.

Vídeo 2: <https://www.youtube.com/watch?v=CmIRAAkOR6o> > Acesso em: 16 nov. 2012, 22h40.

Vídeo 3: <https://www.youtube.com/watch?v=79-EO50jQ2o> > Acesso em: 16 de Nov. 2012, 22h45.

Vídeo 4: <https://www.youtube.com/watch?v=uxcWZlOb8ZA> > Acesso em: 16 de Nov.2012, 23h05.